

Dossiê: “A antropologia da saúde na pandemia da Covid-19: reflexões teóricas, metodológicas e éticas”

Vivendo com uma professora na pandemia: observando o cotidiano de uma professora na pandemia da Covid-19

Rafaela Rodrigues de Paula

Universidade Federal de Minas Gerais
depaularafeclar@gmail.com – <https://orcid.org/0000-0003-1978-2199>

RESUMO

O presente relato etnográfico foi escrito com base em uma pesquisa feita durante a pandemia da Covid-19, mais especificamente em 2020. O trabalho de campo foi construído junto a uma professora da rede estadual de ensino, o que possibilitou problematizar a ideia da realização de uma pesquisa etnográfica entre familiares e/ou em casa durante um contexto de isolamento social. O intuito do texto é discutir as experiências educacionais marcadas pela educação remota ou on-line durante a pandemia e os impactos na vida dos educadores no Brasil que tiveram que lidar com as mudanças que esse modelo de ensino trouxe. Dessa forma, pretende-se demonstrar a potencialidade de direcionar o olhar e as pesquisas para o cotidiano de educadoras brasileiras, o que pode abrir discussões importantes sobre contextos educacionais, seja em situações pandêmicas ou não.

Palavras-chave: Professora; Etnografia em casa; Escola; Pandemia; Antropologia.

Living with a teacher during the pandemic: observing the daily life of a teacher during the Covid-19 pandemic

ABSTRACT

This ethnographic report was written based on research carried out during the Covid-19 pandemic, specifically in 2020. The fieldwork was carried out with a state school teacher, which made it possible to problematize the idea of conducting ethnographic research among family members and/or at home during a context of social isolation. The aim of the text is to discuss the educational experiences marked by remote or online education during the pandemic and the impacts on the lives of educators in Brazil who have had to deal with the changes that this teaching model has brought. In this way, it aims to demonstrate the potential of directing the gaze and research towards the daily lives of Brazilian educators, which can open up important discussions about educational contexts, whether in pandemic situations or not.

Keywords: Teacher; Ethnography at home; School; Pandemic; Anthropology.

Vivir con una profesora en la pandemia: observación de la vida cotidiana de una profesora durante la pandemia de la Covid-19

RESUMEN

Este relato etnográfico se redactó a partir de una investigación realizada durante la pandemia de Covid-19, concretamente en 2020. El trabajo de campo fue realizado con una profesora de una escuela pública, lo que permitió problematizar la idea de realizar una investigación etnográfica entre familiares y/o en casa durante un contexto de aislamiento social. El objetivo del texto es discutir las experiencias educativas marcadas por la educación a distancia o en línea durante la pandemia y los impactos en la vida de los educadores en Brasil que han tenido que lidiar con los cambios que este modelo de enseñanza ha traído. De esta forma, se pretende demostrar el potencial de dirigir la mirada y la investigación hacia la vida cotidiana de los educadores brasileños, lo que puede abrir importantes discusiones sobre los contextos educativos, ya sea en situaciones de pandemia o no.

Palabras clave: Docente; Etnografía en casa; Escuela; Pandemia; Antropología.

Tia-Interlocutora: o encontro

Era um domingo de março de 2020 e eu estava morando em Belo Horizonte, em razão de estar cursando Ciências Sociais na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Como era início de semestre, ainda com poucas aulas, eu e alguns amigos estávamos realizando um churrasco na casa de um deles, até que, no fim do dia, comentamos sobre o assunto do momento: a Covid-19. Eram dias subsequentes ao primeiro caso positivo da doença no Brasil, que foi confirmado em 26 de fevereiro de 2020¹. Ainda sem sabermos o que viria a ser a pandemia da Covid-19, especulamos um contexto semelhante ao surto da gripe H1N1, que ocorreu no país em 2009². Estávamos pouco preocupados. Lembro que, na despedida, um amigo me ofereceu um abraço e eu brinquei: “cuidado com a Covid!”.

Logo depois, na segunda-feira, foi divulgado um aumento considerável dos números de casos suspeitos e positivos. O isolamento, desse modo, tornou-se a medida mais eficaz. Assim, o que antes era uma conversa distraída entre amigos, tornou-se uma realidade que durou cerca de dois anos com uso de máscaras e *lockdown*³. O país foi obrigado a se articular diante de todas as mudanças. Vale ressaltar que essa “obrigatoriedade” se deu em um contexto controverso, visto que o Brasil era governado por um representante que insistia na realização de pronunciamentos contrários em relação aos cuidados expressamente indicados por órgãos de saúde. A gestão do Governo Bolsonaro e seus incentivos negacionistas, nesse sentido, fizeram com que tivéssemos uma demora considerável em decisões do Estado que orientassem como as instituições deveriam se organizar durante o período pandêmico, entre elas, as educacionais.

Posterior a uma pressão popular, especialmente de profissionais da saúde, as instituições educacionais tiveram como primeira ação a dispensa dos estudantes especificamente no estado de Minas Gerais, através da Deliberação do Comitê

¹ Informações disponibilizadas na Universidade Aberta do Sistema Único de Saúde (UNA-SUS). Para mais informações, ver: <<https://www.unasus.gov.br/noticia/coronavirus-brasil-confirma-primeiro-caso-da-doenca>>. Acesso em: 20 jun. 2023.

² Informações disponibilizadas na Revista do Conselho Regional de Farmácia de Minas Gerais, disponível em: <<https://www.crfmg.org.br/farmaciarevista/66/10-anos-do-surto-global-de-H1N1#:~:text=A%20gripe%20A%20H1N1%20chegou,estavam%20contaminadas%20com%20o%20v%C3%ADrus>>. Acesso em: 08 mai. 2023.

³ Palavra em inglês que, na tradução para Língua Portuguesa, significa confinamento. Ela foi muito utilizada para nomear protocolos de medida preventiva obrigatória na pandemia, que consistiu no bloqueio total das atividades das cidades, estados e países. Disponível em: <<https://sergiofranco.com.br/saude/lockdown>>. Acesso em: 15 nov. 2023.

Extraordinário Covid-19 nº 15⁴. Com isso, foram suspensas as atividades nas instituições escolares estaduais do estado, por tempo indeterminado. Tal deliberação ainda não previa o novo formato de ensino, uma vez que todo o contexto ainda era incerto. A universidade em que eu estudava na capital mineira, também paralisou e dispensou seus estudantes. Por conta disso, retornei para a casa dos meus familiares na cidade de Oliveira, Minas Gerais.

Como estávamos no início da pandemia da Covid-19, ocasionada pelo Coronavírus, eu estava com muito medo de já estar ou de ser contaminada. Logo, fiquei na casa dos meus pais, quase que escondida. Até que, em 22 de março, meu telefone tocou: era minha tia paterna, que é vizinha dos meus pais. Tia Carolina⁵ estava em desespero, com uma voz nervosa no telefone. Ela explicou que não estava conseguindo abrir o aplicativo *Zoom*⁶ em seu *notebook*⁷. Com isso, me pediu para ir até a sua casa. Para me persuadir, utilizou um discurso convincente e definidor: “aqui em casa tem álcool em gel”. Para quem ler esse relato anos depois, e talvez falte a memória, ou em caso de desconhecimento, nos primeiros meses da pandemia da Covid-19, em 2020, vivemos uma escassez de álcool em gel 70%, o produto que garantia a higienização de mãos e objetos, eliminando o vírus de suas superfícies. Além de ter aumentado consideravelmente o valor devido à grande procura, também ficou em falta por algumas semanas. Como coloca a jornalista Karin Salomão (2020), era realmente “uma corrida do álcool em gel”. Assim, tia⁸ Carolina, ao afirmar que na casa dela tal produto estava presente, fez com que eu aceitasse ajudá-la e decidisse sair do isolamento para ir até sua casa.

Tia Carolina é uma mulher branca, professora, tem 51 anos, é divorciada e mora apenas com a filha mais nova de 14 anos. Ela leciona há 23 anos nas redes pública e particular de Oliveira, e estava iniciando o processo do ensino *on-line*⁹. Em 2020, ela estava

⁴ Deliberação disponível em: <https://anec.org.br/wp-content/uploads/2020/03/caderno1_2020-03-21.pdf.pdf.pdf.pdf>. Acessado em: 21 abr. 2021.

⁵ O nome utilizado é fictício como forma de preservar tanto a professora, quanto os dados levantados durante a pesquisa.

⁶ *Zoom* é uma ferramenta digital que unifica videoconferências em uma nuvem. É um sistema de telefonia que permite enviar mensagens e ter reuniões on-line simples. É uma solução de salas de conferência definidas por *software* em uma única plataforma.

⁷ *Notebook*, palavra derivada do inglês, é um computador portátil, com ferramentas completas e semelhantes aos computadores de mesa, no entanto, pelo tamanho menor, permite um fácil deslocamento do aparelho.

⁸ Como mais a frente será explicado, a interlocutora da pesquisa era também minha parente, irmã do meu padrasto, por isso o uso do termo “tia”.

⁹ *On-line*: disponível para acesso imediato por um computador ou por aparelho celular. Ademais no presente trabalho optamos por nomear o ensino feito na pandemia de ensino *on-line* ou ensino remoto,

trabalhando em duas escolas: a escola pública A¹⁰ e escola privada B. Em ambas ela lecionava em turmas da Educação Fundamental I, no 4º ano, mais especificamente as disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia e Ciências.

Esse nosso primeiro contato, em março de 2020, foi marcado pelo auxílio da utilização da plataforma *Zoom*, que foi escolhida como padrão da escola particular em que ela era professora. Quando cheguei em sua casa, precisava ainda fazer o *download*¹¹ do aplicativo no *notebook*. A aula iria começar às 13h, e até às 12h:30min, tia Carolina não tinha realizado os ajustes técnicos. Consegui organizar o que precisava, e fiquei esperando enquanto a primeira aula *on-line* acontecia. Tia Carolina, que antes estava nervosa com a tecnologia, ficou feliz assim que viu seus estudantes na sala.

Nessa primeira aula *on-line* que acompanhei, houve certa demora para todos/as conseguirem entrar na sala virtual, e fazerem aqueles mecanismos iniciais de ligar câmera, microfone, conseguir ver e ouvir a todos/as. Quando, enfim, todos/as conseguiram, a euforia foi compartilhada, e os/as estudantes e a professora sorriram ao se verem. Nesse primeiro encontro, eles/as apenas compartilharam as angústias e saudades da escola. Na primeira semana da inserção do ensino *on-line*, fui todos dias na casa da professora, com muito medo, pois os casos positivos da Covid-19 começaram a aumentar consideravelmente no Brasil. Todos os dias, a partir das 13h, tia Carolina iniciava a aula e eu auxiliava na parte técnica de envio de *links*¹² e também na função de “abrir” a sala no aplicativo, até que ela aprendesse.

Nesses encontros iniciais de auxílio à minha tia-professora, que também era parte da minha família, e com o olhar já perpassado por espaços formativos antropológicos, percebi que poderia encontrar ali um espaço seguro e potente para realização de um trabalho para uma disciplina que eu estava cursando também de forma remota, durante a pandemia¹³. A disciplina, nomeada “Metodologia 03”, tinha como objetivo discutir

uma vez que, por mais que tenha sido comparado à EaD, “A educação a distância de qualidade possui metodologias próprias de ensino e aprendizagem que não estão sendo consideradas no momento” (Martins; Almeida, 2020, p. 221).

¹⁰ Nomes fictícios dados às escolas como forma de preservação das falas da professora e das instituições.

¹¹ *Download* significa baixar um arquivo da internet para um dispositivo (celular Android ou IOS, computador, tablets, entre outros), como imagens, vídeos, músicas e documentos.

¹² Os *links* são elementos virtuais que criam ligações/vínculos entre endereços na web ou elos (pontes de ligação) entre documentos, utilizados, nesse caso, para acessar as salas de videoconferência.

¹³ Em 3 de agosto de 2020, a UFMG, universidade em que eu estudava, instituiu o Ensino Remoto Emergencial (ERE). Cursei meu 4º período do curso da graduação em Ciências Sociais todo de forma

trabalhos etnográficos e incentivar a realização de um relato etnográfico como trabalho final do curso. Em um contexto de isolamento social, a realização de pesquisas de campo presenciais tornou-se escassa e perigosa. Ir a campo abria possibilidade de estar colocando em risco tanto a própria saúde, como a dos interlocutores de pesquisa. Desse modo, encontrei ali, na pesquisa em casa, uma saída para desenvolver um trabalho para a faculdade. Os registros já tinham começado em maio de 2020¹⁴. Com o surgimento da disciplina em agosto, continuei realizando anotações de campo na casa da minha tia. Até janeiro de 2021, fui pelo menos duas vezes por semana visitá-la.

Assim, entendi que a pesquisa era feita entre parentes (Damásio, 2020), uma vez que a professora era também minha tia. A etnografia em casa, como aponta a antropóloga Ana Clara Damásio (2021), nos traz alguns desafios teóricos e metodológicos em relação às discussões travadas e defendidas na antropologia de um “Outro” pesquisado distante. Na pesquisa em casa, “o sentido de construir uma alteridade quando você narra sendo também parte do ‘Outro’ é deslocada e muda consideravelmente quando estamos falando de uma pesquisa entre parentes” (Damásio, 2021, p. 9).

A interlocutora ali era minha tia, e eu estava construindo uma relação de pesquisa em cima da relação de família e proximidade que já tínhamos. Além disso, a pesquisa era articulada e coexistia com a nova relação que criamos de auxílio de trabalho, que nos foi imposta em razão da pandemia e das dificuldades de tia Carolina com o acesso e domínio das tecnologias. Desse modo, eu não tinha como forçar um fictício distanciamento, mas, ao contrário, poderia aproveitar e assumir que essas posições como sobrinha, ajudante e pesquisadora, proporcionavam posicionalidades (Haraway, 1995) importantes em campo. Essas posicionalidades permitiram um “Olhar estranho” que coexistiu com o “Olhar etnográfico” (Damásio, 2022).

Acesso e domínio das tecnologias

Minha inserção e nova relação com tia Carolina, como salientei anteriormente, deu-se justamente devido à necessidade de auxílio que ela tinha para acessar as tecnologias

remota. Informações disponíveis no link: <https://www.ufmg.br/integracaodocente/wp-content/uploads/2020/08/ERemoto.pdf>. Acesso em: 5 mai. 2023.

¹⁴ Antes de iniciar propriamente a disciplina de Metodologia 03, eu já tinha começado a observar e registrar questões do cotidiano da minha tia que me pareciam interessantes para uma discussão teórica e social sobre o contexto pandêmico, um momento histórico que vivenciávamos no Brasil. Desde o início, a informei que estava escrevendo todas as observações em um caderninho que eu tinha.

necessárias para o desenvolvimento do seu trabalho. Essa foi a realidade de muitos educadores durante a pandemia. As pesquisadoras Danielle Rezera e Raquel D’Alexandre (2020) discutem, a partir do estudo realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) com educadores da cidade de São Paulo, o contexto de dificuldades que muitos enfrentaram durante aquele período:

Considerando esses fatores, e as oportunidades de acesso e qualificação às ferramentas tecnológicas, o estudo indica que 79% dos professores da rede pública de ensino no país, não possuem formação para uso das tecnologias de ensino; quanto aos estudantes, por diversas variáveis não possuem acesso a essas ferramentas (Rezera; D’Alexandre, 2020, p. 5).

Tia Carolina sempre dizia: “eu sou a prova viva que nós professores não estávamos preparados. Eu tenho a maior dificuldade. Eu tive que arrumar uma pessoa que domina, e eu tive muita dificuldade mesmo. Se não fosse a pessoa comigo todos os dias, eu não daria conta” (entrevista presencial, 26/02/2021, Oliveira-MG). Além dessa falta de domínio, tia Carolina também relatou que não teve nenhum tipo de preparo inicial que fosse dado aos professores, em nenhuma das escolas que trabalhou:

Não tive nenhum, eu tive que aprender sozinha, correr atrás. Não tivemos nenhum curso. Depois que o estado começou a ter as lives dos *Webinars*, que foi melhorando para quem já tinha facilidade. Foi um curso excelente, mas para gente mais velha que não tinha tanta facilidade, teve dificuldade de mexer na internet. Os *Webinars* foram ótimos, mas eu precisava de um curso assim mais a nível, na base mesmo, explicando o dia a dia, o básico (Tia Carolina, entrevista presencial, 26/02/2021, Oliveira-MG).

Com ou sem preparo, o ensino *on-line* continuou e os professores tiveram que se adaptar. Tal como tia Carolina, outras professoras, colegas dela, passaram também a buscar auxílio, seja através de familiares — como tia Carolina fez, ao recorrer a mim como sobrinha — seja contratando profissionais ou realizando cursos. Tia Carolina, por exemplo, no início de 2020, tinha um *notebook* que era pouco utilizado. Ele era usado apenas para alguma formulação de atividades. Ela também tinha um *smartphone*¹⁵ de

¹⁵ *Smartphone*, palavra derivada do inglês, é um telefone celular que, além das funções básicas de um aparelho telefônico, possui também ferramentas semelhantes às de um computador, o que possibilita o uso de internet e aplicativos.

modelo atualizado que possuía redes sociais¹⁶, mas não tinha um bom espaço de armazenamento. Ao longo dos meses, percebemos que ela precisaria de um novo aparelho celular. Compras desse tipo — de celulares, computadores e outros aparelhos — foram feitas também por muitos outros profissionais da educação que se viram compelidos a trocar as ferramentas de trabalho para conseguirem dar conta e acompanhar o ritmo do trabalho remoto.

As escolas e o acesso

A escola B é privada, com um número pequeno de estudantes e professores. Como essa escola não dispôs de nenhum tipo de financiamento para usar a plataforma *Zoom*, que deveria comportar a quantidade de alunos que precisariam estar *on-line* ao mesmo tempo, tia Carolina utilizava a versão gratuita em que a chamada durava quarenta minutos e depois era encerrada automaticamente. Desse modo, era necessário criar, por dia, pelo menos três salas, uma vez que os/as estudantes com dificuldades de acesso à plataforma nova demoravam a entrar na sala virtual. Essa “demora” envolvia a falta de adaptação com o funcionamento dos microfones, além da própria dificuldade em pararem e se concentrarem no que começava a acontecer na tela. Nesse sentido, a primeira sala criada era basicamente para auxiliar os alunos a resolverem questões desse tipo.

A turma de tia Carolina tinha cerca de dez estudantes. Estes conseguiram dar os primeiros passos para o modelo remoto de forma rápida. Como refletem Vivian Martins e Joelma Almeida (2020), as escolas privadas tiveram uma “inclusão súbita” no ensino *on-line*. Um dos motivos é que muitas escolas, inclusive a escola B, são privadas, ou seja, necessitam das mensalidades para o seu sustento e permanência. Essa “inclusão súbita”, como coloca Martins e Almeida (2020), de início é apresentada como não prejudicial ao ano letivo dos estudantes. E, de alguma forma, como coloca Rafaela Costa Piquet (2020), essa inclusão foi alicerçada pelo maior acesso a recursos tecnológicos e financeiros nas escolas privadas, o que acabou desencadeando alguns problemas na forma das aulas. Com a falta de tempo e preparo dos professores, foi feita apenas a migração das formas de dar aula presencial para o *on-line* e não uma adaptação ao modelo remoto de fato.

Acompanhando as aulas *on-line* da professora Carolina nesse primeiro momento, percebi que todas eram conduzidas pelas apostilas da escola: ela lia, explicava o conteúdo

¹⁶ O termo Redes Sociais no presente trabalho é utilizado para se referir a sites e aplicativos da internet que permitem a interação virtual entre as pessoas, como *Facebook* e *Instagram*.

numa aula expositiva, os/as estudantes respondiam. Isso levava quase a tarde toda. Nos últimos momentos, os/as estudantes já não respondiam. Com as câmeras e microfones desligados, apenas se faziam presentes.

Refletia na professora a preocupação inicial dos educadores como um todo na pandemia: cumprir o conteúdo (Martins; Almeida, 2020). Na escola particular, tia Carolina recebia materiais didáticos para conduzir as aulas. A cada bimestre, uma apostila diferente chegava. Esses materiais continham conteúdos de todas as disciplinas por ela ministradas. Durante a preparação das aulas, minha tia demonstrava uma preocupação em não conseguir finalizar o conteúdo de uma apostila até uma data específica, pois, segundo ela, “a outra apostila daqui uns dias vai chegar, e o conteúdo vai acumular” (Tia Carolina, entrevista presencial, 26/02/2021, Oliveira-MG). Pelos relatos da minha tia sobre as reuniões com a direção da escola, havia uma preocupação dos gestores em garantir os conteúdos das apostilas no ensino remoto, assim como era realizado no ensino presencial. Tal perspectiva, assim como é discutido por Martins e Almeida (2020), evidencia que o enfoque era somente no conteúdo das disciplinas, ao passo que todos os outros processos que envolvem a educação ficavam esquecidos. Para Martins e Almeida (2020, p. 220):

Jamais devemos esquecer que a escola é um lugar absolutamente insubstituível e que, independentemente da forma como aconteça, a educação é um espaço tempo de formação forjado em convivências e conversas. [...] Tal perspectiva está em flagrante diante da mera transposição didática de conteúdos da educação presencial para a não presencial, com olhar direcionado em grande parte para a transmissão e não para processos de subjetivação, construção conjunta, interdisciplinaridade, com um olhar direcionado para a autoria, a formação para a cidadania, a cultura contemporânea e um currículo integrado entre si e com as questões da sociedade em que as escolas estejam inseridas.

Essa primeira realidade, centralizada inicialmente nas escolas privadas, foi replicada no ensino público. As escolas públicas estaduais tiveram inicialmente uma resolução somente em 8 de abril de 2020, quando o mesmo comitê de paralisação deliberou o regime de Teletrabalho nas escolas¹⁷. Nesse momento, com os casos da Covid-19 aumentando, o Estado e as instituições escolares se viram obrigados a se articularem e planejarem a organização do ensino durante a pandemia que, posteriormente, foi nomeado como ensino remoto.

¹⁷ Deliberação disponível em: https://www2.educacao.mg.gov.br/images/stories/2020/INSPECAO_ESCOLAR/Boletim_maio/Delib._COVID-19_n%C2%BA_26_20.pdf. Acesso em: 21 abr. 2021.

Tia Carolina também lecionava na escola pública A, no 4º ano da Educação Fundamental I. A escola pública, que começou as movimentações para iniciar o ensino remoto em abril/maio de 2020 no estado de Minas Gerais, optou por apostilas nomeadas de Plano de Estudo Tutorado (PET). O primeiro volume do material didático continha apenas atividades das disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática. Do segundo volume em diante, foram inseridas todas as disciplinas respectivas de cada ano. Em 2020, foram entregues sete volumes de apostilas didáticas e uma avaliativa.

As apostilas eram disponibilizadas impressas na escola A, onde os estudantes deveriam buscá-las e devolvê-las ao fim do mês. O plano era que os/as professores/as pudessem utilizá-las para corrigir os trabalhos e, a partir disso, lançar notas no diário. Isso refletia, como coloca Piquet (2020), uma educação em que não se compreende a totalidade do ensino e que visa apenas uma lógica conteudista. Nesse sentido, Piquet retoma Paulo Freire na conceituação de uma educação bancária:

[...] educação em que os educandos são tratados como se fossem colecionadores ou depósitos daquilo que a eles é oferecido (Freire, 1987). Os alunos são vistos como um lugar de depósito, lugar em que os professores apenas depositam todo o seu conhecimento, e cabe ao aluno apenas “arquivar” em sua memória todo o conteúdo (Piquet, 2020, p. 2).

Há uma inicial semelhança das escolas públicas e privadas na centralização do conteúdo nos ensinamentos *on-line*, mas, ao adentrar melhor as reflexões sobre a educação pública, vão aparecendo as discrepâncias latentes entre essas escolas. Não é novidade as diferenças e desigualdades presentes no ensino público e privado. Todos os problemas da realidade educacional pública do Brasil, quando localizados durante a pandemia, tomaram dimensões caóticas e inimagináveis, que pude observar ao acompanhar o trabalho da tia Carolina.

O atraso das escolas públicas na implementação do ensino remoto teve como principal fundamento a dificuldade tecnológica, que se dividia entre acesso, conhecimento e prática, questões que estão interligadas a todo o contexto social do público-alvo nas escolas privadas. Tia Carolina relata as dificuldades tecnológicas e de acesso dos/as estudantes do ensino privado e público de maneiras que destacam as discrepâncias entre os grupos.

Durante nossos diálogos, as discrepâncias tornavam-se mais palpáveis, como certa vez em que tia Carolina disse: “eu trabalho também na rede particular, é muita dificuldade

também, são pessoas que têm um poder aquisitivo melhor, e também enfrentam essa dificuldade com a tecnologia, eles também têm muita dificuldade em ajudar as crianças, principalmente no princípio” (Tia Carolina, entrevista presencial, 26/02/2021, Oliveira-MG). Em sua fala sobre as dificuldades dos alunos da escola pública, tia Carolina ressalta que, para além das dificuldades do uso da tecnologia, existia uma dificuldade no processo de acesso, sejam aos dispositivos ou à boa conexão de internet.

A realidade das crianças que eu trabalho na escola pública é diferente, pois são crianças que não têm internet em casa, precisam usar internet móvel, o que torna mais difícil, porque eles não têm outro tipo de acesso. Muitas vezes a casa só tem um celular e a mãe leva para o trabalho, a criança só vê as atividades à noite, já tá cansada, é todo um processo que vai dificultando cada vez mais esse aprendizado (Tia Carolina, entrevista presencial, 26/02/2021, Oliveira-MG).

As diferentes realidades dos alunos ficavam visíveis no dia a dia ao acompanharmos as aulas *on-line*. Durante aquelas da escola B, conseguíamos ver os/as estudantes em um espaço propício para que acompanhassem as aulas. Muitos deles tinham o próprio celular, o que permitia que eles/as entrassem em contato com tia Carolina para tirar dúvidas. Diferente, nesse sentido, dos alunos da escola A, que tinham que usar um celular de algum familiar, geralmente seu responsável, para que pudessem realizar as atividades, sobretudo durante o período noturno.

A “invasão das escolas”¹⁸ nas casas

Nos meses de fevereiro e início de março de 2020, o cotidiano de segunda à sexta da tia Carolina se organizou dessa forma: na escola A seu expediente era de 7h às 11h25min, e na escola B de 13h às 17h30min. Como as escolas são próximas da casa da professora, ela relatou que conseguia ir em casa no intervalo entre as duas. Com o decreto da prefeitura e do estado de paralisação das aulas em decorrência da pandemia, no dia 17 de março de 2020, toda essa rotina começou a ser transformada: a casa da tia Carolina começa a ser “invasada” (Cury, 2020).

¹⁸ Termo utilizado pelo pesquisador Carlos Roberto Jamil Cury (2020) para representar a rapidez com que o ensino/trabalho remoto foi inserido no cotidiano dos/as professores/as, tal como uma “invasão” que ocupa e domina o espaço. No contexto analisado, a “invasão” se dava na casa dos profissionais da educação.

Na escola pública A foi dado aos professores um cronograma da semana de produções de vídeos para enviarem aos/às estudantes para auxiliar na realização das tarefas das apostilas. Inicialmente, nos vídeos, fazia-se necessário a imagem da professora, o que dificultava ainda mais o trabalho e as inseguranças, uma vez que, além de deixar exposto a forma de aula de cada escola (Martins; Almeida, 2020), expunha também a imagem do professor e sua casa. Nesse sentido, tia Carolina relatou: “nós colocamos a família dentro da casa da gente, então, assim, é complicado, perdemos totalmente a privacidade, porque a gente vê tudo que acontece na casa dos alunos, e eles veem a casa da gente” (entrevista presencial, 26/02/2021, Oliveira-MG).

No início, existia principalmente uma preocupação da tia Carolina em relação à imagem dela, que era incentivada pela direção da escola, que reafirmava a importância de as professoras estarem “bem vestidas”. Em alguns momentos, a professora chegou a marcar salão com a vizinha para estar bem arrumada para gravação de vídeo. Quando a indagava sobre essa necessidade de estar arrumada, ela dizia: “é meu rosto que vai estar no celular de vários alunos, eles vão reparar, as mães vão falar se eu estiver mal arrumada” (Tia Carolina, entrevista presencial, 26/02/2021, Oliveira-MG).

Tia Carolina gravava, em média, três vídeos por semana que tinham aproximadamente doze minutos, mas a produção de cada um era, em média, de três horas. Como parte dessa produção, existia o cuidado com a imagem que envolvia dimensões estéticas. Tia Carolina fazia questão de estar com cabelos pintados e com as unhas arrumadas para a gravação. Lembro de uma noite em que já era bem tarde e eu ainda estava na casa dela, editando alguns vídeos. Cada um deles tinha que passar pela supervisora antes de publicizar aos/às estudantes. Já tínhamos gravado e tia Carolina já estava em um momento de descanso quando recebemos a mensagem que dizia que seria preciso gravar outro vídeo. Em pouco tempo, tia Carolina, que já estava de pijama, surgiu com a blusa do uniforme de trabalho, calça social e maquiagem, pronta para regravar o vídeo. Eram 23h.

Tal preocupação com sua aparência se estendia à imagem da casa. Nesse sentido, presenciei uma conversa que trouxe diferentes questionamentos. Uma outra professora gravou um vídeo na lavanderia da casa e foi chamada atenção pela supervisora. Esta, por sua vez, a partir desse dia, passou a pedir que os professores tomassem cuidado com o ambiente em que gravavam os vídeos que seriam publicizados pela escola.

Desse modo, tia Carolina passou a criar um cenário. Ela escolheu um cômodo da casa e retirou os móveis do espaço. Em uma parede branca, colocou a frase (feita com

letras recortadas em papel colorido) “ESTUDANDO EM CASA” ao lado de um pequeno quadro verde que já tinha. Naquele cômodo e naquela parede era onde tudo acontecia. O que tia Carolina percebeu foi que só com ela falando durante o vídeo os alunos não prestavam atenção e não o viam até o final. Era preciso, nesse sentido, criar um cenário atraente, escrever em um quadro, imprimir imagens sobre o conteúdo da semana e colar na parede.

A “invasão da escola” nas casas dos professores aconteceu sem que ninguém pedisse licença (Cury, 2020) e mudou toda a logística. Como dito anteriormente, isso refletia na exposição da casa dos professores nos vídeos e nas aulas *on-line*. Nesse contexto, eles tiveram que começar uma nova organização em suas moradias. Tia Carolina, ao falar sobre isso, disse: “ficou tudo junto e misturado, tivemos que readaptar a casa, não pode ter barulho. Os vizinhos fazem construção no horário da aula, a gente tem que ficar fechado no quarto” (Tia Carolina, entrevista presencial, 26/02/2021, Oliveira-MG).

Na casa da tia Carolina, a mesa da cozinha virou um grande armário de professores: livros, cadernos, *notebooks* e cartolinas, tudo estava colocado naquela mesa que, antes, era utilizada para fazer refeições. O café da manhã, almoço, lanches e jantar, passaram a ser feitos no sofá, na poltrona, ou, outras vezes, em pé, para que o processo das aulas não fosse prejudicado.

Mulher, mãe e professora

As vivências da tia Carolina relatadas aqui são um pouco de tudo que a educadora passou durante a pandemia da Covid-19. Tia Carolina, além de professora, é mãe, mulher e dona de casa, que viu toda sua vida tomada pela sua profissão, inclusive sua casa. Quando a questioneei como ficou sua vida como mulher e dona de casa, ela me disse que toda a sua agenda e os horários da casa foram adaptados para a sua profissão. Como refletem as pesquisadoras Bárbara Castro e Mariana Chaguri (2020, p. 4):

Nessa cena, as atividades da vida doméstica, como limpeza, preparo de refeições e atenção aos filhos, se confundem com as atividades com demandas variadas da vida profissional, como lecionar, orientar, ler e revisar textos, dar pareceres, redigir artigos, participar de seminários ou de reuniões administrativas em ambiente virtual, entre outras.

Quando tia Carolina me diz que ficou “tudo junto e misturado”, está demonstrando o que Castro e Chaguri (2020) chamam de sobreposição de atividades. “A sobreposição

de tarefas, espaços e tempos tem se mostrado, por si só, exaustiva para homens e mulheres em trabalho remoto” (Castro; Chaguri, 2020, p. 24). Ainda que tia Carolina, como muitas outras mulheres que trabalhavam fora de casa, tivesse essa dupla jornada de casa e emprego, “estar sempre em casa para mulheres trabalhadoras se constitui um estranhamento, pois que, mesmo sendo mãe, esposa e dona de casa, o sentido das suas vidas sempre foi o trabalho, mas o trabalho fora de casa, referente à profissão” (Macedo, 2020, p. 197).

Considerações finais

Com esse contexto em vista, fiz breves análises e pontuações a partir das observações das realidades de uma professora na pandemia, já que acompanhei diariamente tia Carolina, auxiliando nas tarefas que o ensino remoto lhe atribuiu. Busquei demonstrar como se faz necessário que cada vez mais pesquisadores/as se aprofundem no cotidiano dos profissionais de educação, não só em contexto pandêmico, como também no atual momento pós-pandemia em que vivemos. O cotidiano de tais profissionais reflete a situação de tal carreira no país, e também interseccionam as realidades das instituições de ensino que eles/as lecionam.

Acompanhar o dia a dia da minha tia foi, em partes, presenciar os contextos de duas escolas, as quais, ainda que localizadas na mesma cidade e com a mesma professora, apresentavam pluralidades latentes entre as turmas do ensino privado e público. A partir das vivências dos profissionais de educação, conseguimos direcionar o olhar também para suas condições de trabalho e para desigualdades educacionais brasileiras agravadas com a pandemia, além das discrepâncias do ensino público e privado, do acesso às tecnologias por parte dos estudantes e a falta de formação para educadores. É a partir da experiência desses educadores que podemos buscar e traçar novos horizontes para a comunidade escolar brasileira.

Referências

CASTRO, Bárbara.; CHAGURI, Mariana Miggiolaro. Gênero, tempos de trabalho e pandemia: por uma política científica feminista. *Linha mestra*, v. 14, n. 41a, p. 23–31, 2020. Disponível em: <https://lm.alb.org.br/index.php/lm/article/view/388/413>. Acesso em: 26 abr. 2021.

CURY, Carlos Roberto J. Educação escolar e pandemia. *Pedagogia em Ação*, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 8–16, 2020. Disponível em:

<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/23749/16761>.

Acesso em: 26 abr. 2021.

DAMÁSIO, Ana Clara. *Fazer-Família e Fazer-Antropologia: uma etnografia sobre cair pra idade, tomar de conta e posicionalidades em Canto do Buriti-PI*. 2020. 206 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/11009#:~:text=S.-.Fazer%2DFam%C3%ADlia%20e%20Fazer%2DAntropologia%20uma%20etnografia%20sobre%20cair%20pra,de%20Goi%C3%A1s%2C%20Goi%C3%A2nia%2C%202020>. Acesso em: 20 dez. 2022.

DAMÁSIO, Ana Clara. Etnografia em Casa: entre parentes e aproximações. *Revista Brasiliense de Pós-Graduação em Ciências Sociais*, [S. l.], v. 16, n. 2, p. 1–32, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistapos/article/view/31646>. Acesso em: 30 jun. 2023.

DAMÁSIO, Ana Clara. O caminho do parentesco ou o parentesco como situação inescusável?. *Revista Equatorial*, Natal, v. 9, n. 7, p. 1–13, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/equatorial/article/view/27915>. Acesso em: 05 mar. 2023.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos pagu*, n. 5, p. 7–41, 1995. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 15 abr. 2021.

MACEDO, Shirley. Ser mulher trabalhadora e mãe no contexto da pandemia Covid-19: tecendo sentidos. *Revista NUFEN*, Belém, v. 12, n. 2, p. 187–204, 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912020000200012. Acesso em: 29 abr. 2021.

MARTINS, Vivian; ALMEIDA, Joelma. Educação em tempos de pandemia no Brasil: saberes fazeres escolares em exposição nas redes e a educação on-line como perspectiva. *Revista Docência e Cibercultura ReDoC*. Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 215–224, 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/51026>. Acesso em: 17 abr. 2021.

PIQUET, Rafaela Costa. Diálogo da tecnologia e da desigualdade social nas escolas em tempo de pandemia. *Repositório UNICEUB*, Sete Lagoas, v. 2, n. 2, p. 1–4, 2020. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/prefix/14346>. Acesso em: 26 abr. 2021.

REZERA, Danielle do Nascimento; D’ALEXANDRE, Raquel Gomes. A educação de crianças e jovens durante a pandemia da Covid-19 “Tem alguém aí, ou vamos apenas cumprir tarefas?”. *Revista Saber & Educar*, n. 29, p.1–14, 2020. Disponível em: <http://revista.esepf.pt/index.php/sabereducar/article/view/396>. Acesso em: 25 abr. 2021.

SALOMÃO, Karin. A corrida do álcool em gel: como o produto foi da escassez ao excesso. *Exame*. 8 de maio de 2020. Disponível em: <https://exame.com/negocios/depois-de-corrída-por-álcool-em-gel-estoque-estabilizou-e-ha-ate-sobra/>. Acesso em: 14 dez. 2021.

Recebido em 30 de junho de 2023

Aceito em 24 de julho de 2023